

# INÍCIO, MEIO E FIM? UM NOVO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA SOVIÉTICA

## BEGGINING, MIDDLE AND END? A NEW LOOK AT SOVIET HISTORY

ANA BEATRIZ FERREIRA MARQUES\*

FITZPATRICK, Sheila. **Breve história da União Soviética**. São Paulo: Todavia, 2023, 260 p.

Sheila Fitzpatrick é professora da Universidade Católica da Austrália e professora honorária da Universidade de Sydney. Graduada pela Universidade de Melbourne, realizou seu doutorado pela Saint Antony's College, em Oxford, utilizando como objeto de estudo Anatóli Lunatcharski, Comissário do Povo pela Educação da União Soviética. Sovietóloga, a autora apresenta trabalhos, principalmente, no campo da História Cultural e Social da União Soviética perpassando seu início e desmantelamento. Fitzpatrick constrói em seus livros uma percepção revisionista sobre a Revolução Russa, isto é, diferente de outras fases historiográficas da soviétologia, a autora está interessada em trazer uma visão da Revolução Russa de forma mais alargada, ao estendê-la aos Grandes Expurgos de 1937-8 ao mesmo tempo em que se volta para um estudo da História Cultural e Social.

Compreendendo a importância do lançamento de sua obra, em um contexto em que a história soviética e russa é utilizada como uma ferramenta política, seja para o presidente da Rússia, Vladimir Putin, na elaboração e reelaboração de memórias sobre a Guerra Patriótica e a Guerra Civil, seja pelo lado ucraniano e dos aliados, os quais promovem um olhar sobre a Rússia alinhado a uma noção imperialista do país ao longo dos anos. Entende-se a importância do livro de Fitzpatrick ao retomar diversas discussões sobre a história russa/soviética com a intenção de trazer novas articulações para o debate, abrindo portas para novos diálogos entre passado e presente e sobre pré-conceitos em processo de cristalização, como é o caso do imperialismo russo durante o período soviético.

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista Capes. (Email: abmarques99@gmail.com)

Em sua nova obra, a historiadora traz, já em seu título, uma questão dupla para seu livro. Em inglês, *The Shortest History of the Soviet Union*, Fitzpatrick nos convida a perceber que além de ter a incrível missão de resumir em apenas 260 páginas uma história de mais de setenta anos, também demonstra um olhar que nos faz pensar: por que o sonho soviético durou tão pouco? Por que tão curto? O título traduzido para o português, sem utilizar-se do superlativo – *shortest* – trocando-o por “breve”, também traz consigo as duas possibilidades para o leitor. Separado em sete capítulos – mais introdução e conclusão – o livro apresenta diversos fios condutores perceptíveis para a argumentação final da autora.

Na introdução, somos apresentados às perspectivas de Fitzpatrick em relação à história da União Soviética. Em primeiro lugar, a autora, discute o fim da União Soviética, mais precisamente, os motivos de seu fim é a questão de maior interesse. A narrativa historiográfica construída por Fitzpatrick no livro apresenta como base dois pontos essenciais: mudanças vistas como imprevistas e certos desvios espontâneos. Para ela, esses conceitos tornam-se basilares para ir de encontro com outras preposições historiográficas que compreendem os eventos soviéticos – tanto seu início, meio e fim – como inevitáveis. Alinhada a essa perspectiva, a autora também discorre em sua introdução sobre uma visão de mundo marxista-leninista dos revolucionários de 1917, que é incorporada ao Partido Bolchevique, voltada para uma percepção do futuro mais ou menos prevista, em um sentido filosófico da História. No entanto, para Fitzpatrick, ao mesmo tempo em que a teoria é responsável por realizar uma previsão do futuro e uma “decodificação” da História, na prática, alguns processos ocorrem de forma inesperada – como veremos mais à frente – e a política bolchevique passa por um movimento de mudanças ao longo dos anos que se liga muito mais a uma promoção da mobilidade dos camponeses e trabalhadores, com a Revolução Cultural, do que com a teoria marxista – já que tal ação não é reconhecida nessa teoria.

Refletindo sobre uma percepção extra soviética, Fitzpatrick se desloca para dois conceitos atribuídos à URSS, principalmente durante a Guerra Fria: totalitarismo e imperialismo. Seriam eles justificáveis ao pensar na relação do Estado com a população? No âmbito de não separar o público do privado durante os anos de maior repressão Stalinista? Nas relações estabelecidas entre a Rússia e as demais repúblicas? A historiadora nos convida a pensar e construir junto com a obra argumentos que potencializam e desacreditam esses termos imputados, principalmente, por um Estados Unidos em busca de uma vitória ideológica em um contexto de Guerra Fria.

No primeiro capítulo, *A constituição da União*, a autora se preocupa em discutir algumas das questões apresentadas na introdução sob o contexto do fim dos anos de 1910 e início dos anos de 1920, mais especificamente, até o ano de 1922 onde ocorre a união entre as repúblicas soviéticas bielorrussas e ucranianas com a Federação Transcaucasiana à república soviética russa. Nesse período, há um esforço de Fitzpatrick para discorrer sobre a percepção da União Soviética e, mais ainda, o poder da república russa ser uma continuidade do Império Russo no que tange sua relação com as outras repúblicas. A percepção é logo refutada através de um argumento que demonstra que opositores ao Império Russo e minorias estavam no poder e que havia um estímulo às identidades nacionais pelo novo Estado. Outro assunto abordado no capítulo é a edificação do novo sob uma retórica baseada em avanço x atraso, na qual tudo o que poderia ser relacionado ao Império Russo cai na antítese da Revolução Russa e, conseqüentemente, de tudo o que estava em construção seja o político, o social, o cultural ou o econômico. Por fim, o capítulo questiona se o novo poder é uma ditadura do proletariado ou do Partido Bolchevique ao pensar nos eventos que sucederam Outubro de 1917 e os aparatos do Estado que estavam ao encontro de um terror revolucionário.

O segundo capítulo – *Os anos de Lênin e a luta pela sucessão* – traz para o debate mais um ponto discutido pela autora na introdução: a ansiedade sobre como seria o futuro na prática ainda que, na teoria, ele já estivesse pré-estabelecido. Ao explorar esse tema, Fitzpatrick se volta para perguntas recorrentes daquele momento: como introduzir para a população a retórica dos exploradores x explorados? Como lidar com o campesinato? No pós-Guerra Civil: como governar a Rússia? Como realizar uma revolução internacional? A autora percebe que essa construção do novo – ainda frágil pós-Guerra Civil – leva à população e aos próprios partidários um sentimento de ansiedade.

Ainda no segundo capítulo, a obra se debruça na corrida para a sucessão de Lênin. As dúvidas sobre o futuro ainda se mantêm, ou melhor, tornam-se cada vez mais evidentes, na parte econômica e política, devido ao adoecimento de Lênin. Fitzpatrick nos mostra um movimento crescente de exaltação do partido e de sua percepção como verdade absoluta, que atinge seu auge em 1927, quando os membros vistos como opositores, dentre eles Trotski, foram expulsos do partido e exiliados, abrindo espaço para Stalin. Nesse sentido, Fitzpatrick retoma a discussão sobre totalitarismo.

No capítulo seguinte – *Stalinismo* – há uma preocupação em mostrar a revolução econômica e cultural de Stalin como parte da Revolução Russa, a partir de uma ótica de

revolução feita “de cima” já empregada em outras obras da historiadora. Voltando com a diferenciação entre teoria e prática, Fitzpatrick discorre sobre o processo de industrialização forçada e coletivização agrícola e conclui que ocorreram de maneira muito apressada, em um sentido negativo da palavra. A autora utiliza-se de dois contrapontos para caracterizar esses processos: ao mesmo tempo em que seus motores foram a violência do Estado e a manipulação dos sentimentos, por outro lado, a coletivização foi feita de maneira diferente em cada área respeitando as diferenças regionais. Dessa forma, a autora tece argumentos que, simultaneamente, atestam o caráter opressor do Estado soviético, mas também compreendem um caráter anti-imperialista ao discorrer sobre a relação entre as repúblicas.

O quarto capítulo, *A guerra e suas consequências*, lança um olhar sobre a Segunda Guerra Mundial para explorar a importância do evento como construtor de uma guerra, mas não para salvar o socialismo, e, sim, para salvar a Rússia, uma Guerra Patriótica contra a ameaça estrangeira<sup>1</sup>. A Segunda Guerra, argumenta a autora, vira um evento construtor de uma cultura russa/soviética que converge memória e identidade para a posteridade, demonstrando a perseverança e os sacrifícios do povo soviético/russo, na qual o papel dos Aliados toma um segundo plano<sup>2</sup>. Já no momento do pós-guerra, havia uma expectativa soviética de melhora tanto no modo de vida quanto em relação a uma maior liberdade política e cultural. No entanto, os últimos anos de Stalin no poder seguem uma tendência dual na qual é possível vislumbrar momentos de alguma liberdade, mas com a repressão ainda presente, talvez, pelo medo da influência estrangeira que se tornava cada vez mais crível com o início da Guerra Fria.

No quinto capítulo, *Da “liderança coletiva” a Khrushchov*, Fitzpatrick caracteriza o período da liderança coletiva e de Khrushchov como um momento de mais liberdade em todas as esferas e que promove, em um primeiro momento, um rompimento radical com o stalinismo, porém apresentando algumas repressões ao longo do processo. Por exemplo, se durante o momento de liderança coletiva, um dos líderes, Biéria, promoveu um processo de anistia aos presos nas gulags - estendendo aos presos políticos - a ascensão de Khrushchov se deu por meio da prisão e condenação de morte de seu colega de partido. Outro tópico comentado pela autora é um desenvolvimento alinhado a uma separação entre público e privado responsável por um crescimento de uma sociedade civil apartada do Estado, desconstruindo uma ideia de

---

<sup>1</sup> Mesmo que, contrapondo essa visão patriótica, houvesse territórios ocupados que colaboraram com os alemães: Bielorrússia, Sul da Rússia e Ucrânia.

<sup>2</sup> Inclusive atualmente, na evocação dessa memória feita pela Rússia.

totalitarismo. Visto como um período de “degelo”, a liderança de Khrushchov também permitiu que viesse a público o número de vítimas dos Grandes Expurgos de Stálin aliado a um discurso de Khrushchov que reconhece os excessos e as falhas do seu antecessor. No entanto, é possível perceber na mesma época uma maior intolerância religiosa e fechamentos de igrejas. Nesse sentido, a autora continua com o seu fio condutor da narrativa que diferencia teoria de prática e demonstra as mudanças imprevistas e os desvios espontâneos presentes na história da União Soviética.

Já o sexto capítulo, *O período Bréjnev*, se dedica a liderança de Bréjnev demonstrando um novo olhar estabelecido entre a Rússia e as demais repúblicas soviéticas, ao mesmo tempo em que discorre sobre a luta pela influência no Terceiro Mundo. Ao relatar sobre a situação interna da União Soviética, Fitzpatrick cita os movimentos da região báltica e da Lituânia caracterizados por sentimentos nacionalistas e antirussos que acabavam por reiterar uma identidade nacional afastada da soviética. Quando discorre sobre a luta pela influência, a autora destaca dois pontos importantes para imagem internacional da URSS: o primeiro ponto se relaciona com o início de uma discordância entre as agendas da China e a União Soviética, onde a China começa a perceber os soviéticos como imperialistas também capazes de influenciar o Terceiro Mundo. Já o segundo ponto interpreta a repressão soviética sobre a Tchecoslováquia como determinante para abalar as relações com os Estados Unidos e repercutir no mercado interno e da Europa Oriental.

O sétimo capítulo, *A queda*, abarca o período de Gorbachov no poder até sua renúncia em 1991. Aqui, Fitzpatrick preocupa-se em demonstrar as consequências da *perestroika* e da *glasnost*, as políticas reformistas que foram pensadas para revitalizar o socialismo, mas acabaram minando-o em conjunto com outros fatores internos e externos das décadas de 1980 e 1990. Além de trazer para o debate a queda do muro de Berlim, em 1989, a autora cita outros fatores como: a legalização do pluripartidarismo nas repúblicas socialistas que permitiu a perda das eleições do Partido Comunista e seu poder quantitativo em diversas repúblicas soviéticas e a retórica dessas repúblicas voltadas para a soberania. Desse modo, Fitzpatrick consegue sustentar sua argumentação inicial sobre as mudanças imprevistas e os desvios espontâneos da URSS.

A conclusão da autora retoma os argumentos desenvolvidos por ela durante todo o livro ao mesmo tempo em que relaciona o passado soviético com a contemporaneidade russa. A obra não se propõe a finalizar um debate em torno dos conceitos e discussões mobilizadas durante

os capítulos anteriores, mas, sim, retomar pontos e contrapontos sobre os principais assuntos abordados. A conclusão é mais interessante no momento em que aborda o poder da memória soviética para a política de Putin, nacionalmente e internacionalmente. A autora percebe nas evocações dos líderes anteriores uma tentativa de Putin de realizar um recorte do passado soviético, ora glorificando Stalin no contexto da Guerra Patriótica, ora descredibilizando Lenin por “derramar sangue demais” na Guerra Civil.

*Breve história da União Soviética* amalgama dois públicos distintos: aqueles que ainda não tiveram contato com a história e historiografia soviética e, portanto, necessitam de explicações iniciais sobre o funcionamento das instituições políticas durante o período soviético, seus líderes e suas relações externas e internas; e leitores que já apresentam uma quantidade razoável de leitura sobre o tema, permitindo estimular indagações sobre a historiografia soviética e conceitos atrelados a ela. No entanto, - muito por conta do tamanho do livro - Fitzpatrick se atenta para uma história focada nas “grandes figuras”<sup>3</sup>, retirando o que realizou de mais inovador na historiografia sobre o tema, uma percepção sobre o cotidiano da população soviética relacionada com os líderes políticos. Parece que, neste livro, a autora intenta um movimento contrário que retira um pouco da força de uma história social e cultural para dar lugar a uma história política feita “de cima” mencionando de forma menos atenta suas reverberações na população soviética.

---

<sup>3</sup> Dos sete capítulos nomeados, quatro levam nome de líderes soviéticos.